

O “verdadeiro” Marx como desafio biográfico

The 'true' Marx as a biographical challenge

Paulo Santos Silva*

Resenha do livro: JONES, Gareth Stedman. **Karl Marx:** grandeza e ilusão. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Palavras-chave: Biografia; história; Karl Marx; socialismo; século XIX.

Keywords: Biography; History; Karl Marx; Socialism; XIX century.

A VIDA DE KARL MARX foi objeto biográfico de numerosos e diferentes autores. As diferenças decorrem da época em que foram escritas, das fontes disponíveis e utilizadas e da perspectiva de abordagem, sempre tributária de horizontes políticos e ideológicos, conforme os contextos de elaboração. Múltiplos perfis de Marx foram, assim, delineados em obras que sublinharam ora um aspecto ora outro.

O historiador inglês Gareth Stedman Jones empenhou-se em narrar a vida de Karl Marx em 767 páginas, na edição brasileira com um título — *Karl Marx: grandeza e ilusão* (2017); no original, *Karl Marx: Greatness and Illusion* (2016). O título funciona como uma chave de leitura, anunciando uma interpretação e uma possível conclusão. Uma das premissas que ele adota para definir os objetivos da biografia é que “[...] pelo fim do século XIX, havia importantes diferenças entre o verdadeiro Marx [...] e as formas como ele veio a ser representado no discurso político” (p. 25). Jones busca sair desse enquadramento, ressaltando que seu livro tem como objetivo “[...] restituir Marx ao seu ambiente no século XIX, antes de qualquer elaboração póstuma de seu caráter e de suas realizações” (p. 25). Encontrar esse Marx “verdadeiro”, mais do que um objetivo, é o seu desafio. Uma das recompensas da leitura de sua obra, extensa e profunda, consiste em averiguar em que medida seu propósito se realiza ou se há problemas na formulação de seus pressupostos que possam comprometer, de saída, os resultados almejados.

* Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professor titular no curso de graduação em História e no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4766-9134>. E-mail: psantos42@hotmail.com.

Três anos antes do lançamento da obra de Jones em inglês, o historiador americano Jonathan Sperber publicou uma extensa biografia, intitulada, na edição original, *Karl Marx – A Nineteenth-century Life* (2013), em que busca situar Marx no século XIX, “no contexto de seu tempo”.¹ Sperber é citado e, de certa forma, legitimado por Jones (p. 36), mas sua abordagem se diferencia metodologicamente da realizada pelo biógrafo britânico em vários aspectos, porém elas convergem nas premissas, havendo da parte de Sperber o propósito explícito de apresentar Marx como alguém cujo pensamento se encontra superado. Ele enfatiza o Marx “filósofo” e concentra sua narrativa no indivíduo, ainda que contextualizado. Enquanto Jones inicia a obra sublinhando o papel de pensador e revolucionário do seu biografado, Sperber começa, em estilo literário, jogando luz sobre a aparência física, os hábitos e o comportamento do “indivíduo moderno” que Marx teria sido.

Gareth Stedman Jones propõe, pode-se afirmar, um *modelo* de biografia, um *método* e uma *tese*. O *modelo* sugere acompanhar a trajetória de um indivíduo revezando, no plano narrativo, fluxos e represamentos no curso da vida, combinando, assim, diacronia e sincronia. O *método* consiste em reconhecer que a vida de Marx objetiva-se em suas obras, cabendo, ao examiná-las, desacelerar o ritmo da escrita e verticalizar a abordagem analisando seu processo de elaboração intelectual e o contexto das produções a partir de fatores históricos que conferem sentido à vida e aos temas do biografado.

Acentua-se, desse modo, a preocupação com as estruturas sociais e econômicas que ajudam, por hipótese, a entender determinadas circunstâncias de um itinerário, a exemplo da influência francesa na região da Renânia, onde Marx nasceu. A *tese* defendida na obra parte do pressuposto de que há uma insatisfatória imagem biográfica de Marx por não haver sido ele adequadamente tratado nos termos e limites de seu tempo: o século XIX. Haveria, assim, um Marx “verdadeiro” a ser concebido se devidamente posto em sua contemporaneidade. A *tese* é lançada já nos primeiros parágrafos da obra e o *modelo* e o *método* convergem para demonstrá-la ao longo do livro.

A interlocução de Gareth Stedman Jones com biógrafos que o antecederam, dentre eles os mais renomados, a exemplo de Franz Mehring,² Isaiah Berlin³ e David McLellan,⁴ publicados em português, indica que os considerou em sua abordagem, mas deles procura se distanciar em diversos quesitos. Esse traço deve ser destacado, porque uma das primeiras declarações de Jones, nos agradecimentos, refere-se à diferença entre a abordagem dele e a dos seus

1 SPERBER, Jonathan. **Karl Marx**: uma vida do século XIX. Barueri; São Paulo: Amariyls, 2014. p. 17. Publicado originalmente em inglês em 2013. SPERBER, Jonathan. **Karl Marx**. A Nineteenth-Century Life. Nova Iorque; Londres: Liveright, 2013.

2 MEHRING, Franz. **Karl Marx** – a história de sua vida. São Paulo: Editora José Luís e Rosa Sundermann, 2013. Publicado originalmente em alemão em 1918.

3 BERLIN, Isaiah. **Karl Marx**. Lisboa: Edições 70, 2014. Publicado originalmente em inglês na série Home University Library pela editora Thornton Butterworth em 1939. Jones consultou a 4ª edição, que trazia um subtítulo inexistente no original. BERLIN, Isaiah. **Karl Marx**: His Life and Environment. Oxford: Oxford University Press, 1978. A tradução portuguesa que usei foi feita a partir da 5ª edição, publicada pela Princeton University Press em 2013, sem o subtítulo.

4 MCLELLAN, David. **Karl Marx**: vida e pensamento. Petrópolis: Vozes, 1990. Publicado originalmente em inglês em 1973. MCLELLAN, David. **Karl Marx**: His Life and Thought. Londres: Macmillan, 1973.

antecessores. Mesmo reconhecendo o valor deles, insiste em afirmar que deu atenção simultaneamente ao pensamento e à vida de Marx na condição de esferas articuladas. Mas, nesse aspecto, não haveria como estabelecer diferenças muito nítidas, porque outros também o fizeram, inclusive os autores acima. A demarcação resultaria do fato dele tratar “[...] seus escritos como intervenções de um autor [Marx] em contextos políticos e filosóficos particulares que o historiador precisa reconstruir cuidadosamente” (p. 17). Deve-se aqui considerar as palavras “intervenções” e “particular” para se chegar ao corolário de sua proposição a ser demonstrada: “[...] essas intervenções eram dirigidas aos seus contemporâneos, e não aos seus descendentes do século XX e XXI”. Essa “historicização” do autor do *Manifesto do Partido Comunista* salienta a imagem de um homem preso ao seu século, porque ele fazia parte de uma configuração que o antecedeu e o abrangeu: seus contemporâneos e suas circunstâncias. Se os elementos contextuais o engrandeceram também o iludiram. Dessa forma, o subtítulo de sua biografia — “grandeza e ilusão” — exprime o núcleo de sua argumentação.

Gareth Stedman Jones não é romancista, nem jornalista, nem biógrafo em sentido estrito. Portanto, não foi seu propósito escrever uma biografia romanceada à maneira de Stefan Zweig (1881-1942) ou algo que se assemelhe às biografias em estilo jornalístico, há muito predominantes no mercado editorial, nem tampouco uma biografia nos moldes “tradicionais” de obras elaboradas por autores que assumiram a identidade de biógrafos, a exemplo dos franceses André Maurois (1885-1967) e Max Gallo (1932-2017) e do brasileiro Luiz Viana Filho (1908-1990). Jones é um historiador que dialoga com qualificados pares da área de diferentes matizes, a considerar as referências que incorpora ao livro. Ele se propôs a escrever uma “biografia histórica”, baseada em fontes, as mais apropriadas, com base em arquivos especializados e atualizados, articulando sentenças e evidências documentais, obedecendo às “regras do ofício”. Teve apoio de instituições que financiam pesquisa e discutiu seções de sua obra em seminários acadêmicos.

Os biógrafos, ao narrar a vida de alguém, homens ou mulheres, constroem indivíduos únicos. Da mesma forma que não há dois personagens iguais na prosa de ficção, ocorre algo semelhante em narrativas biográficas, mesmo que os biógrafos tenham recorrido às mesmas fontes. Não há como escapar da diferença entre o plano do vivido e a esfera da linguagem, que transfigura a realidade histórica e biográfica. Assim, não seria impróprio afirmar que um biografado é um produto de seu biógrafo, do seu criador, do seu narrador com as marcas do tempo de sua escrita. Pode-se, então, afirmar que há um Marx de Franz Mehring, de 1918, outro de Isaiah Berlin, de 1939, e ainda outro de David McLellan, de 1973, e mais um de Gareth Stedman Jones, de 2016/2017. Embora o autor em questão não afirme direta e categoricamente que é assim que ocorre, ele manifesta a consciência do perfil único do “seu” biografado ao optar por tratá-lo em uma chave mais íntima ao longo do livro: Karl.

A opção pelo prenome não é mero exercício de estilo. Trata-se de uma estratégia de tratamento do *tema*, e de defesa da *tese*, ao sugerir que Karl Marx não nasceu com esse *status*

que o nome completo simboliza, algo que tomou proporções institucionais e monumentais, sobretudo quando se trata do “marxismo” e das experiências revolucionárias e socialistas levadas a cabo no século XX. Assim, “Karl” seria o homem restituído ao seu ambiente, à sua condição temporal “original”, o século XIX, ao passo que Karl Marx seria o ente “mítico” e “místico”, construído por sucessivas camadas de discursos.

Gareth Stedman Jones leva a análise adiante como se sua narrativa não fosse também uma das camadas que recobrem um presumível “verdadeiro” Karl Marx. Opera como se esse homem “original” não fizesse parte de uma vida e de uma memória em disputa, ou como se seu personagem existisse de modo independente do Karl Marx que justifica e legitima uma biografia de “Karl”. O professor Jones não é, porém, um incauto. Ao concluir o prólogo de sua obra, reconhece: “Mas Karl não foi apenas produto da cultura na qual nasceu. Desde o início estava determinado a deixar sua marca no mundo” (p. 25). Em razão delas, de suas marcas, Gareth Stedman Jones escreveu quase 800 páginas.

Ao longo de sua vida, considerando a abrangência de suas ações no campo da política e da produção de obras e artigos de jornais, Marx deixou muitas marcas. Sua vida foi amplamente grafada, o que assegura fontes para os estudiosos de sua vida. A sequência de suas obras estabelece um roteiro diacrônico de seu percurso intelectual e humano, com inserções autobiográficas, às vezes em paratextos, que atraem os biógrafos pelo vínculo que mantém com os respectivos contextos.

Jones trabalhou com muitas fontes. Além de livros e artigos para a imprensa da autoria de Marx, fez uso do amplo acervo de cartas concernentes ao biografado. Embora dispondo de vasta documentação, certamente em número maior do que tiveram outros biógrafos que o precederam, Jones lança mão do recurso da “possibilidade” para preencher lacunas documentais ou sugerir hipóteses. Daí decorre o emprego de expressões como “talvez”, “sugerem”, “parece”, conforme se lê: “A correspondência com os pais deixa claro que a saúde de Karl era uma preocupação constante. *Parece* também que a sua sobrevivência era tida como um dom providencial” (p. 56). Ao final desta afirmação o autor acrescenta uma nota explicativa cujo conteúdo não o autoriza a afirmar que, segundo o pai de Marx, haveria algo de providencial na vida de Karl. Estratégia semelhante ocorre em outras partes da obra, para levantar hipóteses mais voláteis, a exemplo do relato sobre o papel do médico e atuante nos meios operários de então e membro da Liga Comunista, Andreas Gottschalk: “O desvio de Gottschalk da estratégia original da Liga e a incapacidade de Karl de contestar publicamente a posição de Gottschalk foram *talvez* as principais razões da decisão de dissolver a Liga Comunista” (p. 285) [grifos meus].

No trato estritamente biográfico, as cartas tiveram peso considerável em seu texto biográfico. Elas dão acesso à vida pública e privada de Marx e do seu entorno. Material sedutor e arriscado, porque, com base nele pode-se, a depender do uso, flagrar um Marx sem autocensura, facilitando o flerte de alguns biógrafos com “falácias contra o homem”, isto

é, pôr em questão a vida do indivíduo no recôndito do seu universo íntimo, doméstico, para desqualificar suas ações e obras de repercussão pública.

Talvez o exemplo mais emblemático desses riscos esteja nas relações de Marx com Lassalle. Embora a maioria dos biógrafos tenha se ocupado do tema, na obra de Jones acentuam-se aspectos do “caráter” ou da “personalidade” de Marx que, além de julgamentos apressados, revelam acentuada ausência de empatia pelo biografado.

O uso de correspondências pessoais pode levar a abusos no que se refere à abrangência das afirmações com pretensões de generalizar situações notadamente particulares e privadas. Quanto à correspondência de Marx, Jones afirma que ela “[...] estava repleta de referências insultuosas a destacados sociais-democratas” (p. 24). Certamente, a maioria dos biógrafos identifica esse aspecto. Impôs-se a eles examinar as razões desses insultos e talvez circunstanciar suas construções, analisando a natureza desse tipo de fonte. Já no prólogo, Jones acrescenta que as correspondências de Marx “[...] continha comentários racistas sobre várias figuras, como o primeiro líder social-democrata, Ferdinand de Lassalle” (p. 24). Ao longo do livro, ele volta diversas vezes ao tema. Assim, o biografado é apresentado ao leitor com uma imagem que não suscita muita simpatia.

Ao se referir aos embates de Karl com seus adversários, Jones amplia bastante a imagem dos conflitos interpessoais. Fica reforçada a impressão que, de fato, Marx prosperava nas polêmicas. Mas certo viés subtrai a sobriedade da abordagem na medida em que o autor não hesita em fazer crer que pesava bastante nas divergências teóricas as implicâncias idiossincráticas de Marx com seus próximos, inclusive com pessoas cujas amizades lhe trouxeram recompensas, pelo menos por algum tempo. Há também da parte de Jones certa dificuldade em reconhecer méritos nas condutas de Engels nas polêmicas de Marx com intelectuais e lideranças do movimento operário europeu. Com base em cartas, destaca que Engels lançou mão de “manipulação”, “fraude” e manobras diversas para se conduzir em determinadas circunstâncias, além de sublinhar a fragilidade teórica do parceiro de Marx. As opiniões de Marx sobre Lassalle são as mais enfatizadas por Jones. Ao enumerá-las sobressai um Marx duro, impiedoso e ingrato, eivado de preconceitos, que o autor classifica de “racista”, além de remeter a revelações comprometedoras. De uma carta a Engels, Jones cita um breve trecho em que Marx se refere ao possível atraso na publicação do livro *Crítica da economia política*, pelo que Lassalle seria culpado, afirmou: “Não vou me esquecer da malandragem do judeuzinho” (p. 434). A biografia realizada por Jones tem muitos méritos, sobretudo se julgada pelo que se propôs a fazer: dar atenção à vida e ao pensamento de Karl Marx. Nessa dupla e articulada tarefa, Jones explora o terreno da história social, da história das ideias e da biografia histórica.

O autor começa sua narrativa cronologicamente pelo fim da vida de Marx, na forma de um “prólogo” que se ocupa dos anos entre 1883 e 1920. Nesses anos, para ele, teria se iniciado a construção de “um ícone”. Algo que se acelerou com o advento da Revolução

de Outubro de 1917, criando-se daí por diante uma “mitologia de proporções monumentais” (p. 22). Em poucas páginas, o introito ajusta a premissa de sua tese para logo entrar na matéria biográfica de fato.

Jones busca pensar a trajetória de Marx nos marcos de um horizonte histórico mais amplo. Ao investir nessa perspectiva, combina tempos distintos recobrando o ritmo das estruturas sociais e de eventos de ocorrências mais abreviadas e aceleradas. Realiza, assim, ensaios historiográficos que ajudam a entender o lugar do seu personagem no mundo europeu e na história das lutas sociais. Esse tipo de procedimento se mantém ao longo da escrita da obra, o que deixa ver o jogo temporal que busca cruzar sincronia e diacronia. Por vezes, ao represar o fluxo da narrativa para examinar aspectos da história que se desenvolvem em ritmo mais lento, o indivíduo tende a desaparecer, sacrificando, assim, a dimensão biográfica, estrito senso.

Em algumas seções, entretanto, a narrativa atinge notável equilíbrio entre os temas desenvolvidos. É o caso do capítulo 5. Nele, o autor elucida com atraente relato como atuavam os “jovens hegelianos” e de que forma, naquele momento de aprendizagem, Marx operava com conceitos que lhe seriam úteis ao longo da vida e das polêmicas. O autor mostra como o “comunismo” se configurou na condição de uma construção que se desdobrava entre ideias e práticas no âmbito de espaços férteis ao debate, o que se refletiu nas obras de Marx, como consequência de diálogos com seus contemporâneos, conforme as carências de um século agitado, em acelerada transformação. Ao desenvolver essa seção, Jones oferece os fundamentos do título do capítulo — “A aliança entre os que pensam e os que sofrem: Paris, 1844” — a partir de um extrato epistolar de uma fonte da época, escrevendo convincente página de história social e política de uma Paris empolgante para as lutas operárias. É também nesse capítulo que o autor se refere a um Marx historiador da Revolução Francesa, a partir de Hegel, visando “explicar o nascimento do cidadão moderno e suas ilusões” (p. 183), remetendo-se à palavra-chave e à tese defendida na biografia.

Fenômeno semelhante ocorre quando o autor se volta para a análise mais detida das obras, sem desprezar as ocorrências íntimas da vida privada de Marx. Os capítulos 9, 10 e 11, os mais extensos do livro, respectivamente intitulados “Londres”, “A crítica da economia política” e “O *capital*, democracia social e a Internacional”, são ilustrativos dessa conduta. Eles adensam o fio condutor da obra e abrigam a essência dos argumentos do biógrafo. Em suas páginas, Jones articula vida, obra e contexto, trazendo de volta o “jovem Marx” hegeliano, descrevendo seu atormentado cotidiano em Londres e as dificuldades para dar conta da elaboração de uma obra que o desafiava e parecia impossível de chegar a resultados satisfatórios.

Nesses capítulos, o autor dedica-se aos sofrimentos de Marx, tanto material como físico e psicológico, o que parece haver contribuído para degenerar relações pessoais de Marx, particularmente com Lassalle. Merece destaque a ênfase — e o repito de propósito — com

que o biógrafo se reporta aos conflitos entre os dois, citando os trechos mais antipáticos dos comentários de Marx sobre Lassalle. Reiteradas vezes mencionado por Jones, esse líder do movimento operário alemão teve longa convivência com Karl e sua família. Suas relações alcançaram grande intimidade, e tensão, o que está amplamente registrado nas cartas entre eles. Nelas há, da parte de Marx, declarações acerca de Lassalle que levam o biógrafo, por sua vez, a tecer uma série de considerações desabonadoras de seu biografado a partir da citação de trechos que vão de referências à “malandragem do judeuzinho” (p. 434) à “coisa de negro” (p. 473). Com base em passagens assim, emerge, nos termos de seu narrador, um Karl “sórdido”, “perverso” e “racista”.

A identidade intelectual de Jones como um “historiador das ideias” fica nitidamente demonstrada ao longo da obra. Suas preocupações com a formação do pensamento de Marx o levam a uma ampla investigação de autores e obras de teóricos que precederam ou que foram contemporâneos do autor de *O capital*. Entre as obras referidas e, em alguns casos, mais densamente analisadas estão títulos que tiveram importância tanto num círculo mais amplo de consumidores e críticos como livros que não ultrapassaram os limites de pequenos ambientes de eventuais leitores de circunstâncias. Trata-se de escritos que, mesmo pouco mencionados, podem ser tomados como fontes preciosas para se compreender e escrever a história do século XIX, sobretudo quando se pretende observar a dinâmica da vida intelectual que envolvia trabalhadores, militantes do movimento operário de então e intelectuais de maior prestígio.

O pensamento de Marx, conforme a abordagem de Jones, se construiu com base num quadro cultural que abrigava obras importantes e algumas raramente lembradas, mas que ajudam a entender determinadas querelas do pensador com interlocutores contemporâneos que com ele disputaram espaço no âmbito do movimento operário, a exemplo do alfaiate Wilhelm Weitling, figura incontornável em qualquer biografia de Marx e autor de *As garantias da harmonia e da liberdade*, nem sempre lembrado por seu livro. Dessa maneira ocorre com outras obras, resultando em uma contribuição oferecida por Jones para que se perceba a circulação e a abrangência das ideias que alimentavam as lutas sociais do século XIX.

No plano estritamente biográfico, Jones procura articular indivíduo e sociedade, mas as individualidades que emergem envolvendo Marx, seu núcleo familiar e alguns amigos não rompem com a dinâmica de suas práticas de jornalista, militante e teórico da ideologia, do socialismo e da economia. Nesse sentido, o autor não separa a vida de Marx de sua obra intelectual e política. Sua vida particular não parece ter sentido fora do âmbito de suas obras e o impacto que elas causaram. Elas funcionam como dispositivos que asseguram objetivação a sua vida privada e a sua existência mais profunda, dos seus poucos prazeres e de suas privações. É nesse âmbito que o biógrafo se aproxima de uma zona de perigo quanto ao propósito de “restaurar” o “verdadeiro” Marx. Os riscos aumentam quando trata das relações pessoais entre Marx e seus contemporâneos mais íntimos, conforme os exemplos de Weitling e, principalmente, Lassalle.

O que um biógrafo afirma sobre um biografado tem consequências políticas, ideológicas e culturais. Passa a fazer parte de livros didáticos, filmes, documentários, programas de rádio e de televisão, peças de teatro, discursos políticos, obras ficcionais e novas biografias. No caso de uma figura do porte de Karl Marx, não há como negar, nem tampouco minimizar essas formas de reverberação. O simples fato de Gareth Stedman Jones dedicar a ele uma biografia de mais de setecentas páginas o demonstra.

Ao apresentar seus objetivos, Jones afirma que ele pretende tratar a vida de Marx como o “[...] restaurador que remove os últimos retoques e alterações de uma pintura aparentemente conhecida para restaurá-la à condição original” (p. 18). Dessa forma, ele partiu do século XXI para ir ao século de Marx e ver as proporções de sua “grandeza e ilusão”, dialogando com seu tempo e seus contemporâneos. É possível e provável que Jones tenha consciência de que sua biografia é também mais uma camada de tinta que ele joga sobre a imagem de Marx, ou, em seus termos, um “retoque” e uma “alteração”. A questão é que ele, para executar a operação, leva consigo as ferramentas e as tintas do seu século, um século em que, tudo indica, Marx ainda se apresenta em muitos traços como o original.

No último capítulo — “De volta ao futuro” — Jones retoma o fio por onde começou: os últimos dias e a morte de Marx. Além de apresentar uma síntese dos aspectos que considerou mais relevantes da vida e da obra de Marx, seu biografado aparece alquebrado pelas doenças e perdas familiares. Além de não resolver determinadas aporias teóricas no terreno da análise econômica, Karl não teria jamais reconhecido a importância das demandas específicas da política e tampouco a autonomia relativa dessa esfera, argumento recorrente sob o ponto de vista liberal. Ele tenta reconciliar Marx com Lassalle, a quem teria tratado com uma “mistura de apreensão, inveja e desprezo” (p. 585).

Jones finaliza sua biografia como iniciou, afirmando “[...] que o Marx construído no século XX tem uma semelhança apenas fortuita com o Marx que realmente viveu no século XIX” (p. 629). Nessas últimas páginas acerca da vida do autor de *O capital*, Jones o encerra em um quarto frio, lendo com dificuldade “um romance ligeiro de Paul de Kock” (p. 621). Em tais condições morria o Karl de Gareth Stedman Jones e nascia, segundo o biógrafo, Karl Marx e a sua “mitologia”.

Recebido em: 12/05/2020

Aprovado em: 15/05/2020